

«enquanto Paulo continuar a ser mais determinante que Jesus, na teologia e na gestão da Igreja, nem a Igreja nem os cristãos vamos a lugar algum».



**não é fácil
entender a Paixão**

Não é fácil entender o que vemos e vivemos em cada Semana Santa. Porque não é fácil entender a razão pela qual, cada ano e quando chegam estes dias, fazemos passear pelas nossas ruas imagens de dor, agonia e morte, em procissões de respeito e devoção. E, o que é mais chamativo, exibimos as imagens do fracasso em tronos de exaltação triunfal, com música gregoriana, incenso de deuses e bandas de música, tambores e trombetas. Tudo isso é a expressão mais eloquente do empenho incompreensível em fazer do fracasso mais humilhante da vida o triunfo sonhado das nossas mais sublimes ilusões.

Por que acontece, no âmbito da religião, o que não ocorreu a ninguém imaginar nos outros setores da vida?

Não sei se este fenómeno – tão claramente contraditório – se produz, com tanta naturalidade, na história e nos costumes de outras religiões. No cristianismo, é um facto que tem uma história de séculos e que tem raízes nas origens da Igreja. Por mais que abordemos o assunto, não é fácil entender a Paixão de Jesus.

Onde está a chave do problema? Nos escritos mais antigos da Igreja, os documentos a que chamamos Novo Testamento, há duas teologias que não se integraram devidamente uma na outra, mas que se pensaram e foram escritas independentemente uma da outra. E nas questões muito decisivas que nos vêm dizer coisas que não são fáceis de harmonizar. A primeira destas teologias (a que primeiro foi escrita) é a de **São Paulo** (entre os anos 45 e 55). A segunda é a dos Evangelhos (depois do ano 70, até aos anos 90).

A diferença mais óbvia que se percebe entre estas duas teologias é que a teologia dos Evangelhos é uma “teologia narrativa”. Ou seja, é construída sobre a base de uma série de relatos mediante os quais nos é explicada a forma de vida ou o projeto de vida que o protagonista de tais relatos levou, um modesto galileu do século I, **Jesus de Nazaré**.

A teologia de **São Paulo** é uma “teologia especulativa”, isto é, é construída sobre a base de uma série de reflexões religiosas que já não se referem diretamente ao humilde galileu, que foi **Jesus**, mas ao Filho de Deus, Messias e Senhor Nosso (Rm 1, 4), que é Cristo, o Ressuscitado que está junto do Pai do Céu.

Supondo isto – e como é lógico –, estas duas teologias oferecem-nos duas explicações da Paixão e morte de Jesus. Segundo a teologia dos Evangelhos, a decisão da morte de Jesus foi tomada pela autoridade religiosa (o **Sinédrio**: sumos pontífices, senadores e mestres da Lei). E esta decisão foi aprovada pela autoridade política, o prefeito do **Império**. O motivo da condenação à morte foi religioso (Jesus é acusado de ser um perigo para o Templo, ser e agir como um blasfemo e um criminoso) e político (como o governador mandou colocar sobre a cruz).

Segundo a teologia de **São Paulo**, Cristo morreu na cruz, não por decisão humana (um assunto que Paulo nunca menciona), mas porque “os pecados são expiados pelo sangue”, o que se refere a Cristo que suporta a ira desatada de Deus

sobre todos os pecadores (Rm 3, 19-20.25). Assim, sobre o Crucificado caiu o julgamento destruidor de Deus, que, com a morte de Jesus, condenou “o pecado na sua carne” (Rm 8, 3). O que significa que, para **São Paulo**, Jesus fez-se “maldição” (Gl 3, 13) e “pecado” (2 Cor 5, 21) por nós. Em suma, a teologia de **Paulo** vem a ser a aceitação do princípio assustador apresentado na **Carta aos Hebreus**: “sem derramamento de sangue não há perdão” (Hb 9, 22).

Resumindo: a paixão de Jesus, segundo a teologia narrativa dos Evangelhos, explica-se porque Jesus, no qual Deus está presente e se revela (Jo 1, 18; 14, 9; Mt 11, 27 par), enfrentou o sofrimento humano (doença, pobreza, fome, marginalização, desprezo, humilhação, ódio...). Segundo a teologia de São Paulo, a paixão de Cristo explica-se porque Deus necessitou do “sacrifício” e da “expição” dos pecados, para assim redimir o homem pecador.

Pois bem, aceitando que no Novo Testamento se encontram duas explicações da Paixão e morte de Jesus, o Senhor, o problema concreto que se costuma apresentar no ensinamento da Igreja e na vida dos fiéis reside no facto de que a explicação da Paixão oferecida por **Paulo** constituiu-se, é apresentada e se pede às pessoas que seja vivida como o dogma de fé da nossa salvação. Ao passo que a explicação da Paixão apresentada pelos Evangelhos é apresentada às pessoas como um critério de espiritualidade para praticar a devoção e a caridade cristã.

Evidentemente, sabemos que **Paulo** insistiu na caridade e no amor cristão (1 Cor 13, 1-13; Gl 5, 13-24; Rm 13, 8-10). Assim como sabemos que os Evangelhos falam com frequência da fé e da salvação. Mas, tenha-se em conta que, quando Jesus fala de “salvação”, refere-se à “cura de doenças”. Ou seja, nos Evangelhos, “salvar” é remediar o “sofrimento”.

Por isso, quando **Jesus** dizia a alguém: “A tua fé te salvou”, o que na realidade dizia era: “A tua segurança em mim te curou” (Mc 5, 34; Mt 9, 22; Lc 8, 48; cf. Mc 10, 52; Mt 8, 10. 13; 9, 30; 15, 28; Lc 7, 9; 17, 19; 18, 42). E chama a atenção que **Jesus** elogia a fé de um centurião romano (Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10), de uma cananeia (Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30) ou de um leproso samaritano (Lc 17, 11-19), todos eles pessoas que não tinham fé no Deus de Israel. Sem dúvida, o central na teologia de **Paulo** é a **vitória sobre o pecado**. Mas se nos atemos à teologia dos Evangelhos, o central é a **vitória sobre o sofrimento**.

Suposto tudo isto, atrevo-me a dizer que, enquanto este assunto não tiver a devida e autorizada explicação (e aplicação à vida), a Igreja não poderá cumprir a sua tarefa e a sua missão no mundo. Em suma, com uma teologia desajustada e desengonçada, só podemos ter uma Igreja igualmente desajustada e desengonçada. Por outras palavras, **enquanto Paulo continuar a ser mais determinante que Jesus, na teologia e na gestão da Igreja, nem a Igreja nem os cristãos vamos a lugar algum**.

A reflexão é do teólogo **José María Castillo** e foi publicada no seu blogue *Teología sin Censura*, em 21-03-2016.

Eucaristia com arroz e chá

ALGUMAS NOTAS DUMA MENTE JAPONESA SOBRE A ÚLTIMA CEIA.

JUAN MASIÁ é um jesuíta doutorado em teologia que passou a sua vida no Japão. No Oriente o equivalente do **pão e do vinho** das culturas mediterrânicas é o arroz e o chá.

Juan Masiá mostra-nos que se a **última ceia de Jesus com os seus discípulos** se tivesse realizado no **Vietname**, ou em **Beijing**, ou em **Nagasáqui**, Jesus teria tomado a tigela de arroz na sua mão esquerda e os pauzinhos na direita, e depois, pegando com ambas as mãos na taça de chá, diria: **“Eis a minha vida. Isto é a minha vida que se parte e reparte, repeti-a vós partilhando, fazei isto em memória de mim.”**

A tradução do versículo vinte do capítulo terceiro do Evangelho segundo Marcos diz o seguinte: **“Tendo Jesus chegado a casa, de novo a multidão acorreu, de tal maneira que nem sequer conseguiam comer”**. O original grego diz: **“ não podiam comer o pão”** (*arton faguein*). O pão é um alimento tão básico naquela cultura que para dizer **“comer”** se diz **“comer o pão”**. Também no Japão, país em que o arroz é o alimento base, para nos perguntarem se comemos bem dizem: **“Já comeram o arroz?”**

Se na nossa língua dizemos que há pessoas que não têm nem sequer um pedaço de pão para pôr na boca, no Japão diz-se duma pessoa pobre e cheia de fome que **“não tem nem sequer uma bolinha de arroz para pôr na boca”**.

Fazei isto em memória de mim não é, à letra, *“tomai este pão e este vinho em memória de mim”*, mas antes **“repeti o que eu faço, comei partindo, repartindo e compartilhando, e então eu estarei presente no meio de vós”**.

Para as mentes obcecadas pela literalidade, o que a teologia chama a “matéria do sacramento” (“matéria” é uma palavra tão escolástica como “transubstanciação”, e o melhor é pô-la de lado juntamente com a conceção fiscalista dos sacramentos) terá de ser, apenas e exclusivamente, pão e vinho. Para uma hermenêutica que tome a peito o facto de biliões de pessoas não terem o pão como alimento básico, mas antes o arroz ou o milho, etc., não constituiria nenhum problema teológico celebrar a eucaristia com arroz e chá. Embora hoje em dia não o façamos, a igreja poderia proceder a essa mudança sem o menor problema. O importante é a partilha do alimento e da vida.

por Luis Alemán

<http://www.luis-aleman.info/2016/11/03/eucaristia-de-arroz-y-te-juan-masia/>

“Esta noite vamos celebrar a ceia do Senhor à pobre.”

O caso ocorreu no Brasil. Na região de Salvador da Baía. Uma zona mais desértica do que agrícola. Terra de pobres. Os senhores da terra viviam - e vivem ainda - muito afastados. Não há médico, nem enfermeiro, nem padre, nem professor. O médico vem a trinta quilómetros de distância, de quinze em quinze dias. O sacerdote vem quando pode. Apenas algumas vezes por ano. A comunidade é muito cristã. Lê-se o evangelho todos os dias. Mas todos sentem falta da eucaristia. Quando o sacerdote tarda muito em vir, surgem as quezílias, os pequenos rancores, as invejzinhas. Ali tudo é pequeno. São pobres até no pecar. Alguém - talvez um profeta? - diz: **“esta noite vamos celebrar a ceia do Senhor à pobre.”**

O vinho era fraco. O pão escasso. Não chegou para toda a gente. O milho preencheu as falhas. Todos comeram “Fijao”, uma espécie de bebida à base de feijão-frade. Antes de comerem, pediram perdão uns aos outros. Leram algumas passagens do evangelho de Lucas. Comentaram-nas entre si. Cantaram lindamente, até mesmo com lágrimas nos olhos. E enquanto comiam, a “**Máma**” - avó e mãe de muitos deles, responsável pela fé de todos - leu, pausadamente, o episódio da última ceia do evangelho segundo Mateus. De pé e de mão dadas, rezaram o Pai nosso, como se de um cântico se tratasse. Rogaram a Deus pelo mundo, pelo Papa de Roma, pelo seu sacerdote ausente, pelos doentes do mundo inteiro.

E depois de cantarem, com a certeza de terem participado na Eucaristia, recolheram a suas casas. Já libertos daqueles pequenos rancores e quezílias. Tudo se esqueceram. Mais uma vez, triunfara a fraternidade: **“E cada vez que beberdes, fazei-o em memória de mim.”**

Podeis pensar o que quiserdes. Eu não vos digo o que penso. Mas se pensardes o mesmo que eu, recordai-vos, também, da última missa a que assististes. Por exemplo, a do último casamento. Muitas flores. Um grande desfile de modelos femininos e masculinos. Fotógrafos, máquinas de filmar. Um coro especial, a cantar a Ave Maria de Gounod. Arroz à saída da igreja. E um grande banquete com pastelaria fina, charutos e bons vinhos. Os mais novos vão para as discotecas; os de mais idade para suas casas, dizer mal dos croquetes e do marisco congelado.

A primeira ceia foi presidida pela “**Máma**”. A outra - de quem quer que seja - foi presidida por um sacerdote. E Jesus em qual delas comeu?

- Oiça lá, tenha paciência, é que dessa forma está a minar os próprios fundamentos da Igreja!

- Mas, de que Igreja está você a falar?

por Luis Alemán

<http://www.luis-aleman.info/2016/10/27/sera-verdad-luis-aleman/>

Quaresma:

o **"Outro"** é um dom a que nos devemos dar
reflexão Quaresmal da *Comissão Nacional Justiça e Paz*



A **Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP)** alertou para uma **“cultura de violência”** que se reflete nos relacionamentos domésticos ou na falta de ajuda aos refugiados e marginalizados.

“Vivemos num tempo mergulhado numa crise que não se esgota nos fatores económicos e sociais em que muitas vezes nos focamos, mas se caracteriza por uma crescente ausência de valores morais e civilizacionais, dados por adquiridos nas últimas décadas”, assinala a reflexão para a Quaresma de 2017 do organismo laical da Igreja Católica, enviada hoje [9 de março] à Agência Ecclesia.

65,3 milhões de deslocados em todo o mundo, 21,3 milhões de refugiados, são dados estatísticos evocados pela reflexão quaresmal.

“Até que ponto seremos nós, enquanto cristãos, sinais coerentes e corações abertos que resistam aos discursos xenófobos que grassam por quase toda a Europa?”, questiona a CNPJ.

A nota observa que a violência doméstica não se extinguiu com uma geração de homens e mulheres educados **“numa nova sociedade”**, como se pensava há uns anos.

A **“prevalência da violência no namoro”**, entre os mais jovens, a crescente violência doméstica em **“todos os extratos sociais”** e o bullying nas escolas e nas relações sociais fazem **“soar os sinais de alarme”**.

Para a CNJP, que tem a finalidade promover e defender a Justiça e a Paz, a crise de valores **“é bem patente”**, também, na proliferação de uma cultura de violência que em Portugal encontram **“num crescendo sistemático e preocupante”**.

No documento **‘O «outro» é um dom a que nos devemos dar’**, a comissão recorda que o Papa Francisco pede uma aproximação à festa da Páscoa com **“alegria autêntica”** de uma vida **“mais coerente em que o ‘moralismo’ dê lugar ao testemunho”**.

Neste contexto, o organismo laical da Conferência Episcopal Portuguesa destaca que dados da autoridade tributária, de outubro de 2016, mostram que, em média, o rendimento dos que se situam no escalão mais alto do IRS era 142 vezes superior ao do escalão mais baixo.

Com este alerta, pretende-se que os católicos se pensem em que medida replicam nas suas relações **“o universo mundano e desigual”** de uma sociedade **“distinguida e etiquetada”** entre pobres e ricos, bem e malsucedidos, poderosos e sem influência, sábios e ignorantes.

A Comissão Nacional Justiça e Paz, no contexto do debate pela legalização da eutanásia, incentiva também a que os cristãos sejam **“os primeiros”** a bater-se pelo **“reforço do serviço nacional de saúde”** para todos, a fim de que **“os cuidados paliativos não sejam privilégio”**.

A defesa pelo apoio às famílias com **“mais dificuldades em acompanhar os seus”**, pelos **“apoios à vida com deficiência”** e a luta por **“leis laborais mais compatíveis com a conciliação trabalho e família”**, são assuntos identificados, entres outros, e precisam de uma voz ativa.

Durante o atual tempo litúrgico de preparação para a Páscoa é pedido também que se elimine **“a cumplicidade do coração com a corrupção”** que **“defrauda os mais pobres e frágeis dos seus direitos”**.

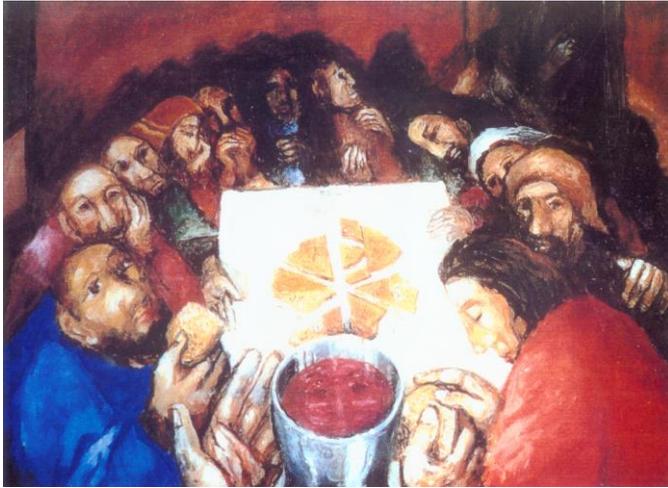
“Não deixemos que nos convençam facilmente que o salário mínimo não pode subir, a menos que façamos parte dos muitos que heroicamente conseguem alimentar uma família com o seu parco valor”, pede a o organismo católico na defesa dos **“dois milhões de portugueses vivem abaixo da linha da pobreza”**.

Segundo a Comissão Nacional Justiça e Paz a reflexão para a Quaresma é um contributo para **“ajudar”** no exame individual e coletivo que se **“impõe à Igreja portuguesa”**.

CB/OC

Fonte: Agência Ecclesia

para ler o Documento na íntegra: <http://www.diocese-braga.pt/noticia/1/14687>



a Última Ceia, Sieger Köder, Alemanha, 1989

quinta-feira santa

chegamos do deserto do nosso cotidiano
desolado, cego,
do espetáculo das pequenas mortes
que olhamos sem estremecimento nem remorso
pode a banalidade de chumbo do cotidiano
abrir-se ao fluxo estranho da luz e da memória
de todas as nossas quedas e esperanças?

pode a Palavra da Sarça reacender ainda
a Promessa do dom e da comunhão?
e não são o pão e o vinho desta ceia

as figuras do dom extremo
daquele que morreu para testemunhar
da santidade e da justiça de Deus?

José Augusto Mourão, op (1947-2011)